

Professora reitera à polícia que só apartou briga entre alunos. Mãe do garoto que teria sido agredido mantém versão. Crianças serão ouvidas

Histórias contraditórias

ADRIANA BERNARDES

DA EQUIPE DO CORREIO

Depoimentos contraditórios e, até agora, pouco esclarecedores. Após ouvir oito pessoas, a polícia decidiu pedir ajuda à equipe de psicólogos da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) para extrair dos meninos o que realmente ocorreu na manhã da última terça-feira, na Escola Classe 56, no Setor O de Ceilândia. Pelo menos três alunos, entre eles o garotinho que, segundo a mãe, teria sido segurado pela professora Elizabeth Barros para que os coleguinhas batessem em seu rosto, devem passar pela avaliação.

De acordo com o delegado-chefe da 24ª Delegacia de Polícia (Setor O), Vivaldo Neres, das oito pessoas ouvidas até agora, apenas a mãe do menino — suposta vítima de agressão —, a servidora Rejane Vieira Urani, 36 anos, e a filha dela, uma adolescente de 17, acusaram a professora de ter segurado o garoto com os braços para trás e incitado os coleguinhas a baterem nele como forma de punição. O motivo da medida seria porque ele tinha agredido outros alunos.

Já foram ouvidos uma mãe e dois pais de alunos, a diretora e a supervisora pedagógica da escola, além de Elizabeth, da mãe e a irmã da suposta vítima de agressão. Na tarde de ontem, a professora prestou depoimento por duas horas e meia. Ela saiu pela porta dos fundos da delegacia sem falar com a imprensa. À polícia, ela reafirmou o que disse ao Correio na quinta-feira: que segurou o menino com os braços para trás para apartar a briga. Nesse momento, ele teria se debatido com as pernas e acabou acertando coleguinhas, que revidaram as agressões.

“Ele brigava com as meninas e logo outros alunos entraram na briga. Ele estava de costas para a porta. Era o que estava mais perto de mim, o mais alto e forte da turma. Eu segurei os dois braços dele para trás e o puxei para tirá-lo da confusão”, detalhou Elizabeth Barros, em entrevista ao Correio.

A mãe e a irmã do garotinho chegaram para depor às 17h. Só deixaram a delegacia três horas depois. Elas afirmaram ter ouvido da professora a confissão de que teria segurado o menino para que um coleguinha agredido

Evandro Matheus/Esp. CB/D.A. Press



A DELEGADA ADJUNTA TÂNIA DIAS TAMBÉM NÃO DESCARTA A HIPÓTESE DE AS CRIANÇAS TEREM FANTASIADO

FRASES

“CRIANÇAS COM ESSA IDADE NÃO COSTUMAM CONTAR AOS PAIS O QUE É CORRIQUEIRO. RESTA A NÓS APURAR O QUE REALMENTE HOUVE”

Delegado Vivaldo Neres, 24ª DP

“ELE ERA O QUE ESTAVA MAIS PERTO DE MIM NA BRIGA. EU SEGUREI OS BRAÇOS DELE PARA TRÁS E O PUXEI PARA TIRÁ-LO DA CONFUSÃO”

Elizabeth Barros, professora

“ELE DISSE PARA MIM QUE A PROFESSORA O CHAMOU, O SEGUROU COM AS DUAS MÃOS PARA TRÁS E MANDOU QUE OS MENINOS BATESSEM NELE”

Rejane Urani, mãe do menino

descontasse com um tapa no braço. A conversa teria ocorrido na manhã de quarta, na presença da diretora e da supervisora. Ela disse que confirmaria aos policiais o que ouviu do filho. “Ele contou que brigou com os colegas e pediu desculpas, mas eles não aceitaram. Aí a professora o chamou, o segurou com as duas mãos para trás e mandou que os meninos batessem.”

Cautela

A delegada adjunta Tânia Maria Dias assegurou que nem a diretora e nem a supervisora mencionaram tal diálogo quando estiveram na delegacia. “Dois dos três pais ouvidos disseram ter ouvido dos jornalistas, Welinton não confirmou que o filho tenha afirmado

a contada pela direção da escola e pela professora: que o aluno batia nos coleguinhas e que a professora o segurou para que ele parasse”, esclareceu Tânia Dias. “A gente trabalha com a versão da mãe e da professora. Mas não está descartada a possibilidade de as crianças terem fantasiado”, acrescentou.

O último depoimento do dia foi o do pedreiro Welinton Jesus Ferreira, 32. Foi por meio dele que a servidora soube da suposta agressão. À polícia, ele disse que o filho apontou para a criança e disse que a professora tinha segurado ele com os braços para trás e os meninos bateram nele. Ao falar com os jornalistas, Welinton não confirmou que o filho tenha afirmado

que a professora mandou os amiguinhos baterem. Mas, assim como Rejane, ele sustenta ter ouvido a confissão da professora durante reunião com a diretora.

Para o delegado Vivaldo Neres, o caso deve ser avaliado com cautela. Para ele, não há dúvida de que ocorreu algo fora da rotina. “Crianças com essa idade não costumam contar aos pais o que é corriqueiro. Resta a nós apurar o que realmente houve”, disse.